

Dez lojas on-line de RP são investigadas

Nesta semana, três lojas entraram para o grupo das investigadas: Dualshop, Juquinha e Compro Informática; reclamações vêm de todo país



Foto: Marcos Urenha / A CIDADE

DELEGADO José Gonçalves Neto, da DIG, recebe denúncia de todo país

Dez lojas virtuais de Ribeirão Preto estão na mira da Polícia Civil e do Ministério Público suspeitas de venderem produtos de informática pela internet e não entregar aos compradores. Nesta semana, três lojas entraram para o grupo das investigadas: Dualshop, Juquinha e Compro Informática. Dois homens foram indiciados por estelionato suspeitos de cederem as contas bancárias para os donos das lojas, que repassariam aos clientes depositarem o pagamento das compras.

"Recebemos reclamações de 12 pessoas de todo o Brasil contra essas lojas. Elas depositaram o dinheiro na conta desses dois homens, que têm ligação com os proprietários dos sites", afirmou o delegado José Gonçalves Neto, titular da DIG (Delegacia de Investigações Gerais).

Neste mês, o Ministério Público também pediu a Justiça que retire do ar o site da loja de eletroeletrônicos Yesline. A loja física foi interditada em dezembro. Segundo o promotor Carlos Cesar Barbosa, da Defesa do Consumidor, a empresa está

em nome de Paulo Renato Boffi Emílio, cunhado de Michel Pierre de Souza Cintra, dono da Stopplay suspeita de vender produtos pela internet e não entregar.

Cintra também é suspeito de ser proprietário da loja Noteone, que também acumula reclamações de clientes. O dono da Yesline nega as acusações. Cintra sempre afirmou através de advogados que a Stopplay não tinha irregularidades.

Casos

As denúncias contra lojas virtuais de Ribeirão começaram em 2007. Consumidores do país inteiro lotaram as delegacias de polícia da cidade de denúncias. A loja virtual da WiMax foi a primeira a ser denunciada. Logo em seguida, começaram as queixas contra a Criart Eletrônicos.

As duas pertencem a Jack Roberto da Silva de Oliveira, preso em março de 2008 suspeito de estelionato. Ele ficou detido dois meses no Centro de Detenção Provisória e depois solto por falta de provas. Segundo as denúncias da Polícia Civil, Oliveira também era dono da Unique, suspeita de vender e não entregar.

Jornalista: Jucimara de Pauda

Em: Sábado, 30 de Janeiro de 2010 - 20h14

Fonte Site: www.jornalacidade.com.br